

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – POLO BARRETOS**

**CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRESENÇA DA
GINÁSTICA ARTÍSTICA NA ESCOLA: UM RELATO DE
PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA CIDADE DE
BARRETOS-SP**

SOLANGE APARECIDA DE JESUS

BARRETOS

2014

**CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRESENÇA DA
GINÁSTICA ARTÍSTICA NA ESCOLA: UM RELATO DE
PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA CIDADE DE
BARRETOS-SP**

SOLANGE APARECIDA DE JESUS

**Trabalho Monográfico apresentado
como requisito final para aprovação na
disciplina Trabalho de Conclusão de
Curso II do Curso de Licenciatura em
Educação Física do Programa UAB da
Universidade de Brasília – Polo
Barretos/SP.**

ORIENTADORA: LUCIANA HAGSTRÖM

TERMO DE APROVAÇÃO

Solange Aparecida de Jesus

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRESENÇA DA GINÁSTICA ARTÍSTICA NA ESCOLA: UM RELATO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA CIDADE DE BARRETOS-SP

Monografia aprovada com requisito final para obtenção do grau
de Licenciado em Educação Física pela Faculdade de
Educação Física - Universidade de Brasília / Universidade
Aberta do Brasil

Apresentação ocorrida em ____/____/2014.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

NOME DO ORIENTADOR (Orientador)

NOME DO EXAMINADOR (Examinador)

SOLANGE APARECIDA DE JESUS

POLO BARRETOS - SP

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos meus pais Umberto e Lusmarina que me ensinaram a ser quem eu sou, deram-me muita força durante essa caminhada pela educação.

Às minhas irmãs Sandra, Simone e Suéllen que sempre me disseram palavras sábias para que eu nunca desistisse de meus sonhos, mesmo nas maiores dificuldades.

Aos dois maiores amores de minha vida, meu esposo André, que praticamente estudou comigo, e a minha filha Julia por ter tido paciência e, mesmo sendo tão nova ter compreendido os momentos de minha ausência em sua vida enquanto estava estudando.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me deu a vida, pela saúde, pela inteligência, pela sabedoria, pela persistência e pela força para superar todas as dificuldades que encontrei pelo caminho, por ter me proporcionado a oportunidade de conquistar esse sonho, por tudo, pois é pela vontade dele que tudo acontece.

À Universidade de Brasília, a todos os professores, supervisores, equipe administrativa, colaboradores e tutores que muito auxiliaram no meu aprendizado durante esse processo.

Ao meu Orientador Róbson Lobato (TCC I) que me instruiu durante o processo de construção desse trabalho.

A minha Orientadora Luciana Hagström (TCC II) por ter me orientado durante a elaboração desse trabalho, e agradeço por ter me passado um pouco de seu conhecimento.

Ao tutor presencial José Milton pela força, pela luta, pela confiança, pela dedicação, pelos puxões de orelha, pelas palavras carinhosas, pelas palavras sábias, por todos os momentos em que esteve presente em minha vida durante esse período de muitos altos e baixos.

À tutora Elisabete Dias Parente, por ter me dito algumas palavras que fizeram muita diferença e me deram força em todo o percurso de minha formação.

A todos os funcionários do Polo de Barretos, pela disposição que tiveram em nos atender durante todos esses anos.

A todos os companheiros de turma, que estiveram nessa luta constante.

A todos que, mesmo indiretamente, me auxiliaram na realização desse sonho.

E àqueles que muitas vezes quiseram me desanimar e me fazer desistir, pois, sem querer, eles me deixavam cada vez mais forte para continuar lutando para o alcance de meus objetivos.

“As pessoas têm medo das mudanças. Eu
tenho medo que as coisas nunca mudem”.

Chico Buarque

RESUMO

A Ginástica Artística (GA), apesar de ser um dos conteúdos que devem ser inseridos no Ensino Fundamental I, como preconiza os PCNs, não está muito presente Nas aulas de Educação Física escolar. O presente trabalho objetivou verificar as principais barreiras físicas e pedagógicas para a inserção da GA nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental I nas escolas Municipais da cidade de Barretos/SP. Desta forma, através de revisão de literatura e pesquisa de campo foi feito um levantamento sobre a presença da GA nas escolas municipais de Barretos/SP. Através de entrevistas com professores foi coletado informações que permitiram delinear o perfil dos docentes e verificar os conteúdos mais trabalhados nas aulas, os critérios levados em conta no planejamento dos conteúdos, a compreensão do professor sobre a importância de trabalhar a GA nas aulas, se a GA é utilizada como conteúdo, de que forma são aplicados tais conteúdos, as principais dificuldades para se trabalhar essa modalidade considerando as questões materiais, físicas e/ou pedagógicas. Para finalizar, procuramos compreender o que falta para que o conteúdo GA seja mais trabalhado nas aulas de Educação Física escolar. Os resultados indicam que mesmo os conteúdos da GA estando presentes em algumas aulas, os professores ainda apontam dificuldades para que a modalidade seja inserida com mais plenitude na escola.

Palavras-chave: Ginástica Artística, Educação Física Escolar, inserção, dificuldades.

LISTAS DE TABELAS

TABELA 1 – Idade dos entrevistados.

TABELA 2 – Visão da Ginástica Artística pelos professores entrevistados

LISTA DE SÍMBOLOS, ABREVIATURAS E SIGLAS

COI: Comitê Olímpico Internacional

GA: Ginástica Artística

FEG: Federação Européia de Ginástica

FIG: Internacional de Ginástica

LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PCNs: Parâmetros Curriculares Nacionais

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	11
2- REVISÃO DE LITERATURA	14
3- METODOLOGIA.....	22
3.1 Sujeitos da pesquisa	22
4 - RESULTADOS	23
5 - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	27
6 - CONCLUSÃO	34
7- REFERÊNCIAS BLIOGRÁFICAS	36
ANEXO I.....	39
ANEXO II.....	40

1- INTRODUÇÃO

O termo Ginástica Artística (GA) se refere a uma manifestação corporal que utiliza elementos ginásticos (saltos, giros, ondas, equilíbrios, etc.) e acrobáticos (rolamentos, roda, rodantes, mortais, etc.) em diversos aparelhos: solo, mesa de salto, trave de equilíbrio, barras assimétricas, argolas, cavalo com alças, barra fixa e barras paralelas (Polito, 1998).

No Brasil é possível perceber nas aulas de Educação Física escolar a predominância do futebol, voleibol, handebol e basquetebol. Muitos professores de educação física denominam essas modalidades como o “quarteto fantástico”, onde na maioria, se não em 100% das vezes, o futebol é o principal conteúdo das aulas, deixando o papel de coadjuvante para o voleibol.

De fato, Silva (2013) em um estudo realizado sobre os principais conteúdos ministrados nas aulas de Educação Física escolar constatou que os esportes são os conteúdos mais desenvolvidos. Em seu trabalho foi observado que nas aulas há a predominância do futebol e do voleibol e a ausência de conteúdos como danças, lutas, jogos e ginásticas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) são o referencial teórico utilizado para a construção do projeto político-pedagógico das instituições de ensino no Brasil. Apesar deles preconizarem a utilização de blocos de conteúdos contendo as ginásticas, as lutas, os jogos, os esportes, os conhecimentos sobre o corpo e as atividades rítmicas e considerá-los como fundamentais nas aulas de Educação Física escolar (PCNs, 1997), ainda é possível observar que o “quarteto fantástico” é o ator principal nas aulas.

Portanto, a GA deve ser inserida nas aulas de educação física escolar, possibilitando, através de sua prática, o resgate da ginástica como cultura corporal do movimento (PCNs, 1997). A GA permite ao aluno a criação e recriação da prática dos movimentos corporais presentes em seu cotidiano como o caminhar, o correr, o saltar, o rolar, o equilibrar-se, o escalar, o suspender-se, entre outros (Brochado e Brochado, 2005).

De acordo com Bezerra e col. (2006), a presença da GA nas aulas de educação física escolar é extremamente relevante, pois ela é vista como uma modalidade fundamental para o desenvolvimento integral do aluno. A GA,

afirmam os autores, é essencial para a formação motora, pois através dessa atividade é possível experimentar uma grande variedade de movimentos. Além disso, possibilita o desenvolvimento das capacidades físicas, trabalhando a resistência muscular localizada e geral, a coordenação, a flexibilidade e o equilíbrio. A GA desenvolve ainda a interação social, a disciplina, a responsabilidade, a iniciativa e a organização (Bezerra e col., 2006). Por essas razões, a GA deveria ser trabalhada nas aulas de educação física como conteúdo disciplinar fundamental (Leite, 2012).

É preciso provocar no docente uma reflexão sobre a importância da GA como conteúdo a ser ministrado nas aulas de educação física, possibilitando ainda a percepção da relevância de ampliar os conteúdos da cultura corporal do movimento no âmbito escolar, de forma a não contribuir, de acordo com Silva e Sampaio (2012), com a “monocultura corporal” do movimento.

Dentre os principais empecilhos para a inserção da GA no âmbito escolar, de acordo com Bezerra e col. (2006), está a falta de infra-estrutura e de materiais. Outro fator é a falta de qualidade na formação do profissional que trabalha com a GA no Brasil (Schiavon e Nista-Piccolo, 2007).

De acordo com Nunomura e col. (2013), os cursos de graduação em Educação Física não apresentam conteúdos que possibilitem aos profissionais atuarem na modalidade com qualidade. Talvez seja esse um dos motivos que faz com que a procura ou a apresentação da GA à população brasileira seja tão pequena. Dessa forma, os autores acreditam que profissional que atua na GA precisa de cursos de formação e certificação profissional possibilitando-o de trabalhar desde a iniciação da GA até a formação de atletas de alto nível.

É necessário compreender quais são as principais barreiras físicas e pedagógicas para a inserção da GA nas escolas. A problemática desse estudo surgiu da vivência dos estágios de graduação da licenciatura em Educação Física, onde não foram encontrados professores que desenvolvessem esta modalidade em suas aulas, apesar da prática da GA ser de extrema relevância para a formação dos alunos. Dessa forma, esse trabalho tem como objetivo verificar a inserção dos conteúdos da GA nas aulas de Educação Física nas Escolas Municipais da cidade de Barretos/SP e identificar as principais barreiras físicas e pedagógicas para presença desta modalidade nessas

instituições, possibilitando através do levantamento obtido a reflexão de toda a comunidade escolar sobre a prática escolar da GA.

Os resultados alcançados trarão informações a respeito da realidade da GA no âmbito escolar. Este trabalho também pode ser de grande valia para autoridades, Federações e Confederações que apoiam e dão subsídios para a prática da modalidade no Brasil, possibilitando que reflitam sobre a necessidade de promover cursos e/ou oficinas sobre GA de forma a capacitar os profissionais na área.

2- REVISÃO DE LITERATURA

A Ginástica, em seu sentido mais amplo, originou-se há muito tempo atrás, quando a natureza inicia o homem ao movimento, possibilitando o domínio de seu corpo, o que o leva e o conduz a uma ginástica natural (Públio, 1998). Nessa esfera, podemos considerar que o homem primitivo, ao realizar atividades físicas que tinham o papel de garantir sua sobrevivência, já praticava ginástica. Brochado e Brochado (2005) afirmam que todo o movimento ginástico está relacionado com os movimentos naturais humanos, como o andar, o correr, o escalar, o saltar, o balançar, o pendurar, o empurrar, o puxar e o equilibrar-se.

Públio (1998) aponta que a natureza inicia o homem ao movimento, portanto ao domínio de seu corpo, o que o leva e o conduz à ginástica natural. Por isso, o autor acredita que não devemos nos espantar com as origens longínquas e universais mencionadas pelos historiadores.

Segundo Meuret (apud. Públio, 1998), o termo ginástica existe há milhares de anos, como ginástica educativa para a formação do corpo, também conhecida como Educação Física ou como ginástica médica ou terapêutica. A ginástica era praticada nas antigas civilizações para manter e melhorar a saúde.

Desde a antiguidade o homem já realizava acrobacias como habilidade natural. Elas eram introduzidas em danças sacras, pelo fato das danças, por muito tempo, fazerem parte das missas e rituais. No Egito, na Grécia e em Roma os acrobatas conhecidos como saltimbancos se exibiam nas feiras e nos circos (Bregolato, apud. Pires, 2009).

No início do século XVIII ocorreu um grande impulso no sentido de valorizar e incentivar a prática da ginástica, com a criação de diversas escolas e métodos ginásticos europeus (alemão, sueco e francês). Nesta época, sua prática era limitada às escolas privadas e para fins militares (Brochado e Brochado, 2005).

O nome que mais se destaca na ginástica moderna é Johann Friedrich Ludwig Christoph Jahn (1778-1852). Jahn montou um campo de ginástica ao ar livre na Alemanha e foi responsável, juntamente com seus alunos, pela construção dos primeiros aparelhos da GA (Públio, 1998).

No período de 1820 a 1842, a ginástica de Jahn foi proibida por motivos políticos, pois ele e alguns ginastas foram considerados revolucionários e acusados de conspiração. Como alguns jovens ainda queriam praticar a ginástica, as atividades eram praticadas escondidas em locais fechados. Isso fez com que diversos ginastas alemães emigrassem para o mundo inteiro, fazendo com que a ginástica em aparelhos fosse propagada para outros países. Por essas razões Jahn é considerado o pai da ginástica (Publio, 1998).

A ginástica atual, segundo Perdomo (2011), teve início no século XIX, que marca a sistematização da ginástica como forma de educar o corpo. A ginástica desempenhava importante função na sociedade industrial capitalista, passando a se vincular com a medicina. Brochado e Brochado (2005) afirmam que nessa época já havia um grande número de sociedades ginásticas espalhadas pela Europa que faziam parte da Federação Européia de Ginástica (FEG) que a partir de 1921 passou a denominar-se Federação Internacional de Ginástica (FIG). A FIG tem sua sede na Suíça e conta com mais de 100 países afiliados. São diversas as modalidades gínicas subordinadas à FIG, a saber: Ginástica Artística Feminina, Ginástica Artística Masculina, Ginástica Rítmica, Ginástica Acrobática, Ginástica Aeróbica, Trampolim Acrobático e Ginástica Geral.

Em 1952, os Jogos Olímpicos marcaram o início da GA reconhecida como esporte, no conceito atual do fenômeno social, com suas regras previamente definidas, aparelhagem, avaliação de resultados, número de ginastas por equipes. Com isso a FIG passou a trabalhar juntamente com o Comitê Olímpico Internacional (COI) (Nunomura e Nista-Piccolo, 2008).

No Brasil, a ginástica foi introduzida em 1824 por imigrantes alemães que vieram para o Rio Grande do Sul. Eles fundaram diversas sociedades e várias associações de ginástica. No início, ela era realizada apenas como treinamento militar, mas depois da reforma da educação, a educação física escolar que na época era chamada de “Ginástica”, passou a ser obrigatória nas escolas para ambos os sexos (Brochado e Brochado, 2005).

A Educação Física no Brasil no século XX estava vinculada às instituições militares e ao discurso médico. Ela objetivava o cuidado com a saúde assumindo um caráter higienista (corpo forte, saudável) e de eugenia (conservar a pureza da raça branca), sendo influenciada pela instituição militar

para construir um projeto de homem disciplinado e obediente; com a principal finalidade de defesa da pátria e seus ideais, além de possibilitar o crescimento industrial capitalista no país (PCN, 1997).

Com o processo de industrialização brasileiro, as aulas de educação física passaram a ser incluídas no currículo educacional de maneira obrigatória e ainda era vista como forma de fortalecer o trabalhador para a produção, onde homens fortes e saudáveis produziram cada vez mais, fortalecendo os interesses da classe dominante. A educação física era entendida como uma atividade exclusivamente prática (Coletivo de Autores, 1992).

Ao final da ditadura militar, a educação física escolar foi tomando novos rumos. Foi um período de esportivização com a introdução do Método Desportivo Generalizado que significou uma contraposição aos antigos métodos de ginástica tradicional, tendo agora seu foco voltado às práticas esportivas. Apesar desta mudança, ainda prevaleceu o desenvolvimento prático e técnico, como forma de aprimorar a força física, moral, cívica, psíquica e social do indivíduo, ganhando ainda a função de manutenção da ordem pública e de progresso do país (PCN, 1997).

Na década de 80 se deu início a uma crise de identidade no próprio discurso da Educação Física escolar, onde o enfoque passou a ser o desenvolvimento psicomotor do aluno, tirando da escola a função de promover o esporte de alto rendimento. Os PCNs apontam que nesse mesmo período, a educação física e a sociedade passaram a ser discutidos sobre a influência das teorias críticas da educação, questionando seu papel e sua dimensão política. A visão da educação física não era apenas voltada para os conteúdos biológicos, mas enfatizava também as dimensões, psicológicas, sociais, cognitivas e afetivas, possibilitando perceber o aluno como ser humano integral (PCN, 1997). Atualmente, a educação física é caracterizada como sendo uma disciplina que trata pedagogicamente, no âmbito escolar, formas de atividades expressivas corporais, como o jogo, o esporte, a dança e a ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento denominada de cultura corporal (Coletivo de Autores, 1992).

Diante do exposto, percebe-se que a ginástica/educação física e a escola moderna surgiram praticamente no mesmo momento. Com a criação das primeiras escolas para a formação de professores de educação física no

Brasil, no final da década de 30, essa área de conhecimento e também a ginástica começam a se tornar mais sistematizadas e a ganhar identidade científica (Barbosa, 1999).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/96, criada no Brasil em 1996, possibilitou o avanço da educação e da Educação Física para um novo rumo onde o principal objetivo é a formação do aluno crítico e reflexivo para desenvolver seu papel como cidadão. Em relação à educação básica, o artigo 22º da LDB afirma que é necessário desenvolver o educando para o exercício da cidadania (BRASIL, 1996).

Os PCNs, referência utilizada para a construção do projeto pedagógico da Educação Física escolar, sustentam a visão da Educação Física como uma cultura corporal, excluindo a ideia de desenvolvimento do corpo apenas (PCN, 1997). Sobre cultura corporal, o Coletivo de Autores (1992) afirma querer, com tal prática pedagógica, possibilitar ao aluno a compreensão da expressão corporal como linguagem, onde através de atividades corporais como os jogos, os esportes, a ginástica, a dança e outras, permitindo o entendimento do significado da intencionalidade do homem dentro da sociedade.

Silva (2013) aponta a escola como um dos responsáveis pelo processo formativo do aluno e enfatiza que a Educação Física escolar, através da cultura corporal do movimento, sistematizada em conteúdos, é uma das disciplinas responsável pela formação para o exercício da cidadania, favorecendo a formação crítica, criativa e autônoma do educando. Nesse sentido, é necessário oportunizar dentro das aulas conteúdos e metodologias de ensino que possibilitem o alcance de tais objetivos.

A Educação Física vista com o objetivo de integrar o aluno na cultura corporal do movimento tem papel fundamental dentro da escola. Dessa forma, é preciso que o profissional que está inserido no contexto escolar esteja apto para integrar em seus conteúdos de ensino vastas oportunidades de movimentos. Nessa perspectiva, o professor deve utilizar os jogos, os esportes, as danças, as lutas e as ginásticas como forma de inserir o aluno em um novo formato de Educação Física escolar, que visa o desenvolvimento integral do educando.

Os PCNs ressaltam a relevância da introdução da ginástica, luta, dança, esporte e jogos como conteúdos a serem ministrados nas aulas de Educação

Física, oportunizando ao aluno conhecer e reconhecer dentro de suas vidas outras culturas de movimento, ampliando o leque de atividades que possam estar presentes em seu cotidiano dentro e fora da escola. Percebemos a ginástica como necessária no processo de desenvolvimento do aluno, como justifica o Coletivo de Autores (1992, p.77):

“Pode-se entender a ginástica como uma forma particular de exercitação onde, com ou sem uso de aparelhos, abre-se a possibilidade de atividades que provocam valiosas experiências corporais, enriquecedoras da cultura corporal das crianças, em particular, e do homem, em geral”.

Apesar das várias modalidades da ginástica, este trabalho se concentra na GA, sobre a qual Brochado e Brochado (2005, p.24) afirmam:

“A GA é, sem dúvida, um esporte completo, desenvolvendo em seus praticantes diversas qualidades físicas, morais e intelectuais, como força, coordenação, flexibilidade, resistência, reflexo, memória, concentração, coragem, companheirismo e disciplina, entre outras”.

Ainda levando em consideração as qualidades apresentadas pela prática da GA, Bezerra e col. (2006) confirmam que essa modalidade é essencial para a formação motora do aluno. Nesse sentido, justificam que através da GA a criança poderá experimentar uma grande variedade de movimentos, possibilitando o desenvolvimento das capacidades físicas, como a resistência muscular localizada e geral, a coordenação, a flexibilidade e o equilíbrio.

Para reforçar ainda mais a importância de oportunizar os conteúdos da GA dentro das aulas de Educação Física, Leite (2012) afirma que alunos que vivenciam tais práticas desenvolvem tanto o vocabulário motor, como a área cognitiva e socioafetiva. Dessa forma, deixa claro a importância de incluir diferentes conteúdos de forma pedagógica na Educação Física escolar.

Nunomura e Nista-Piccolo (2005) afirmam que a riqueza de materiais e a grande variedade de movimentos que a GA oportunizam aos alunos inúmeras possibilidades de ampliar seu repertório motor, aperfeiçoando suas habilidades. Segundo esses autores, a GA é composta de elementos chamados

fundamentais para o desenvolvimento motor do ser humano, tais como, o rolar, o equilibrar-se, o saltar, o girar, entre muitos outros. Aprender a executá-los, combinando-os em sequência de movimentos, facilita o aprimoramento das capacidades físicas mais complexas e amplia as possibilidades de desempenho de habilidades motoras (Nunomura e Nista-Piccolo, 2005).

Dessa forma, a prática da GA na Educação Física Escolar torna-se fundamental por ser uma atividade prazerosa, que estimula a criatividade, a expressão corporal e o desenvolvimento motor, além de socializar o educando (Nunomura e Nista-Piccolo, 2005). Entretanto, apesar de todos os benefícios apontados com relação à prática da GA, esta modalidade não está bem inserida nas aulas de Educação Física escolar (Barbosa, 1999, Polito, 1998, Silva, 2013).

Silva (2013), em um estudo realizado com professores do Ensino Fundamental inicial da rede Pública Municipal de ensino de Campo Grande (Mato Grosso do Sul), constatou que os esportes são os conteúdos mais apresentados dentro das aulas, com a predominância do futebol e do voleibol. Além disso, percebeu a ausência nas aulas de conteúdos como dança, lutas, jogos e ginástica. O autor afirma que a Educação Física escolar deve ir além da “monocultura corporal” de forma que possa oportunizar aos alunos amplos conhecimentos sobre a cultura corporal do movimento, apresentando a organização dos conteúdos conforme o que está proposto nos PCNs.

Assim, acreditamos na necessidade de repensar os conteúdos que estão sendo inseridos dentro das aulas de Educação Física escolar, de forma que o professor possa oportunizar aos alunos amplos conhecimentos relacionados à cultura corporal do movimento. É necessário retirar o aluno da “monocultura corporal” que insere apenas o aprendizado do “quarteto fantástico” (futebol, voleibol, basquetebol e handebol) na Educação Física escolar, deixando de oportunizar aos alunos o desenvolvimento e ampliação de seu repertório motor.

Por outro lado, Bezerra e col. (2006) apontam que dentro do contexto escolar, certo número de professores de Educação Física desenvolve os conteúdos da GA em suas aulas. Isso é explicado pelo fato da maioria dos entrevistados em seu estudo já terem vivenciado a prática da GA em algum período da vida. Então essa vivência seria o facilitador para que os conteúdos

da GA fossem desenvolvidos. Ou seja, há profissionais que compreendem a importância de tal prática na escola e que têm como referência os PCNs para a construção de seu projeto pedagógico.

Bezerra e col. (2006) apontam algumas dificuldades para a inserção da GA nas aulas. A principal delas é a falta de infra-estrutura nas escolas para trabalhar tal modalidade. Nunomura e col. (2013) compreendem que dentro das dificuldades está também a falta de conhecimento dos professores para trabalhar com a GA no âmbito escolar. Os autores afirmam que a formação em GA no Brasil não está atendendo as necessidades dos profissionais e isso não apenas em relação ao nível técnico. Há uma falha nos cursos de formação em GA, principalmente nos cursos de graduação em Educação Física, que empregam os conteúdos de forma generalista, dificultando que educadores físicos se sintam preparados para trabalhar com a modalidade.

De fato, Schiavon e Nista-Piccolo (2007) apresentam a falta de conhecimento sobre como aplicar a ginástica na escola como a principal dificuldade dos professores. Nesse sentido, destacam a necessidade de capacitar profissionais para o ensino da ginástica, não apenas oferecendo conhecimentos técnicos, mas capacitando-os para criar possibilidades de transformar os conhecimentos adquiridos de forma que possam ser trabalhados nas várias realidades escolares. Além disso, considerando as barreiras físicas, apontam a falta de infra-estrutura, espaços e materiais como sendo os fatores responsáveis pela ausência da GA na escola

Tais fatores explicam porque a GA está pouco presente nas escolas. Por isso há a necessidade de mudança nos currículos dos cursos de graduação de maneira a formar profissionais melhor capacitados para atuarem na área da ginástica. A formação adequada possibilita que o profissional fundamente sua prática, realizando um trabalho de qualidade em qualquer local que atue, possibilitando a expansão tanto dos educadores, quanto dos praticantes da GA em todos os níveis de atuação. Assim, é preciso que as autoridades responsáveis pela GA no Brasil enxerguem a realidade dos profissionais que atuam na área de forma a implantar programas de formação e certificação da GA no país, como meio de incentivar o trabalho com essa modalidade (Nunomura e col., 2013).

O objetivo da GA na Educação Física escolar não é apenas o desenvolvimento da técnica, mas principalmente permitir que o aluno compreenda esta manifestação da cultura corporal, possibilitando o seu desenvolvimento integral. Em relação à questão da falta de infra-estrutura, de espaço e de materiais adequados para o trabalho com a GA na escola, é importante que o professor entenda que não há a necessidade de montar um ginásio olímpico com todos os equipamentos para poder inserir tal modalidade nas aulas. É possível utilizar materiais alternativos, sem a necessidade de espaços e materiais sofisticados (Leite, 2012). O próprio ambiente escolar com suas árvores, bancos, muretas, escadas, entre outros, pode servir de local para trabalhar a modalidade, proporcionando aos alunos possibilidades de saltar, correr, balançar, etc. Inclusive, as aulas podem ser ministradas além dos muros da escola, em praças e parques, por exemplo. Nunomura e Nista-Piccolo (2008) afirmam que o emprego dos materiais alternativos é visto em várias outras práticas dentro do ambiente escolar, podendo também ser empregado nas aulas de GA.

No ambiente da GA, a adaptação de materiais, segundo Nunomura e Nista-Piccolo (2005), é uma prática relativamente comum, muitas vezes criada pelos próprios professores. Com isso, o uso de materiais alternativos para a prática da GA possibilita que muitos alunos, sejam eles de escolas da rede municipal, estadual ou particular, possam ter contato com mais uma manifestação da cultura corporal e explorem novas formas de movimento com o seu corpo.

Diante do exposto, percebe-se que os conteúdos da GA inseridos nas aulas de Educação Física como uma manifestação da cultura corporal de movimento, assim como preconiza os PCNs, é de extrema relevância para o desenvolvimento integral do aluno. Por isso é preciso que o profissional de Educação Física procure superar os obstáculos para poder proporcionar aos seus alunos essa significativa experiência.

3 - METODOLOGIA

3.1 Sujeitos da pesquisa

Serão realizadas entrevistas com professores de Educação Física do Ensino Fundamental I das escolas da Rede Municipal da cidade de Barretos/SP (cinco do gênero masculino e cinco do feminino). O objetivo é compreender como se dá a presença da GA nas escolas do município, possibilitando verificar quais são as principais barreiras físicas e pedagógicas para a inserção desse conteúdo nas aulas. A entrevista será aberta. Esse tipo consiste em uma sequência de questões predeterminadas, mas que possibilitam ao entrevistado ampla liberdade para responder (Gil, 2010). As 14 perguntas feitas aos professores estão apresentadas no Anexo I. Após os participantes terem sido informados sobre o caráter voluntário da pesquisa eles assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo II).

Para a coleta dos dados foi feito um pré-agendamento das datas mais adequadas para a realização das entrevistas. Cada entrevista realizada foi gravada em aparelho gravador de áudio e em seguida transcrita em computador para posterior interpretação e análise.

4 - RESULTADOS

Depois de realizadas as entrevistas, os dados obtidos na pesquisa de campo foram transcritos, analisados e apresentados em forma de tabelas para melhor compreensão e análise. As perguntas foram elencadas em categorias. Primeiramente foi traçado o perfil dos professores entrevistados da Rede Municipal de Ensino da cidade de Barretos/SP que ministram aulas para o Ensino Fundamental I. Dos dez professores entrevistados, dois ministram aulas na mesma instituição de ensino (20%) e oito (80%) trabalham em diferentes instituições que compõem a Rede Municipal da Cidade de Barretos/SP. Considerando a experiência docente em outras instituições de ensino da Rede Municipal de Barretos/SP, nove dos professores entrevistados (90%) já ministraram aulas em outras escolas da Rede e apenas um deles (10%) nunca teve a experiência de trabalhar em outra escola da Rede Municipal

Em relação a idade dos professores que participaram da amostra, 70% deles têm entre 25 e 30 anos (n = 7), 10% têm entre 30 e 35 anos (n = 1), 10% têm entre 35 e 40 anos (n = 1) e 10% tem entre 40 e 50 anos (n = 1) (Tabela 1).

TABELA 1 – Idade dos entrevistados.

ENTRE 25 E 30 ANOS	7	70%
ENTRE 30 E 35 ANOS	1	10%
ENTRE 35 E 40 ANOS	1	10%
ENTRE 40 E 50 ANOS	1	10%
TOTAL	10	100%

Com relação ao tempo em que os participantes atuam como professor de Educação Física do Ensino Fundamental I na instituição referenciada por eles, os resultados obtidos foram os seguintes: um professor atua há um ano (10%), dois professores atuam há dois anos (20%), um professor atua há quatro anos (10%), um professor atua há oito anos (10%) e cinco professores atuam há três anos (50%).

Foi questionado aos participantes quais os conteúdos mais trabalhados em suas aulas de Educação Física escolar e os critérios que são levados em conta no planejamento dos conteúdos. Além disso, foi perguntado se eles

consideram a GA importante para o desenvolvimento global do aluno, se eles a utilizam a GA como conteúdo e de que forma estes são aplicados e as principais dificuldades encontradas para se trabalhar essa modalidade na escola. Para finalizar procurou-se compreender o que falta para que o conteúdo GA seja mais trabalhado nas aulas de Educação Física escolar. As respostas apresentadas pelos participantes estão na Tabela 2.

TABELA 2 – Visão da Ginástica Artística pelos professores entrevistados.

Experiência com GA	Não teve experiência como professor específico de GA.		80%
	Experiência nas aulas que ministra sobre GA desde a formação.		10%
	Experiência desde a graduação através do estágio.		10%
Conteúdos Trabalhados	Anos Iniciais 1º, 2º e 3º	Esportes: Futsal, Handebol, Voleibol, basquetebol e inclusive a GA através de jogos e atividades lúdicas.	10%
		Jogos populares, queimada, jogos de correr.	30%
		Jogos, conteúdo apresentado no planejamento anual feito pela secretaria.	30%
		Utiliza os Jogos e as Brincadeiras para ensinar esportes, ginástica, dança e outros conteúdos.	30%
	Anos Finais 4º e 5º	Esportes: Futsal, Handebol, Voleibol e basquetebol, de forma lúdica com inserção de regras.	80%
	Jogos e Brincadeiras	10%	
	Esportes: Futsal, Handebol, Voleibol, basquetebol e ginástica artística	10%	
Critérios	Considera as necessidades de cada turma.		20%
	Considera o contexto sociocultural dos alunos.		10%
	Considera o currículo (malha) elaborado pela Secretaria Municipal.		60%
	Considera o nível de desenvolvimento dos alunos.		10%
PCNs	Se apoiam nos PCNs para planejar suas aulas.		70%
	Não se apoiam nos PCNs, mas sim no currículo proposto pela Secretaria Municipal		30%
Importância da GA	Desenvolve a coordenação motora através das práticas.		20%
	Possibilita o conhecimento corporal através das práticas.		10%
	Possibilita o desenvolvimento afetivo (quando se trabalha em grupo), cognitivo (estimula o pensar) e motor.		30%
	Melhora as capacidades físicas, através das práticas.		10%
	Desenvolvimento motor e afetivo, através do trabalho em grupo.		20%
	Considera importante, mas não trabalha.		10%
Forma de aplicação	São aplicados através de jogos e brincadeiras os conteúdos básicos da GA (acrobacias, cambalhotas, estrelas, rolamentos, equilíbrio e saltos).		60%
	São aplicadas habilidades motoras básicas, rolar, saltar, equilibrar-se, inicia-se com atividades mais básicas que vão ficando mais complexas.		10%
	Não são aplicados conteúdos da GA.		10%
	O único conteúdo da ginástica que aplicamos são os alongamentos antes das atividades práticas.		20%

Dificuldades	Material e Física	As principais dificuldades são materiais e físicas.	50%
	Pedagógica	Quantidade de alunos em sala de aula.	10%
		Receber currículo pronto da Secretaria Municipal.	20%
		Falta de conhecimento sobre a GA.	10%
Não há	Não há dificuldades para inserir conteúdos da GA nas aulas.	10%	
O que falta para aplicar a GA	Materiais e espaço físico.		30%
	Capacitação dos professores.		40%
	Falta tanto a questão dos materiais e espaço físico, quanto a capacitação dos professores.		30%

GA: Ginástica Artística; PCNs: Parâmetros Curriculares Nacionais.

5 - DISCUSSÃO

Com este trabalho foi possível trazer elementos para a compreensão sobre a presença da GA nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental I da cidade de Barretos/SP, através dos relatos de professores que atuam nessa área. Com isso foram destacadas as principais barreiras físicas e pedagógicas para a inserção da GA no contexto escolar.

Os resultados confirmaram que muitas vezes o professor não trabalha certas modalidades nas aulas por não terem experiência com tal prática da cultura corporal do movimento. Isso pode impossibilitar ao aluno novas experiências corporais. A esse respeito, Bezerra e col. (2006) através do estudo em que abordam a aplicação dos conteúdos da GA dentro das aulas de Educação Física mostram que os professores pesquisados têm conhecimento sobre a importância dos conteúdos da GA nas aulas de Educação Física. Além disso, verificou-se que a maioria deles desenvolve os conteúdos da GA nas aulas. Tal fator é explicado pelos autores pelo fato da maioria dos entrevistados já terem vivenciado a prática da GA em algum período da vida.

Nessa perspectiva, um dos fatores que poderiam justificar a presença ou não dos conteúdos da GA nas aulas de Educação Física poderia ser a falta de experiência com a modalidade. Nesse estudo foi possível verificar que 80% dos participantes não tiveram experiência como professor de GA.

Os PCNs (2007) apresentam três blocos de conteúdos para serem ensinados em todo o ensino fundamental, de maneira equilibrada como forma de organizar o conhecimento. Esses blocos são: (1) esportes, jogos, lutas e ginásticas, (2) atividades rítmicas e expressivas e (3) conhecimentos sobre o corpo. Os três blocos podem ser articulados entre si, pois eles têm muitos conteúdos em comum e ao mesmo tempo podem ser trabalhados separadamente. Quando perguntamos aos participantes deste estudo qual o principal conteúdo trabalhado dentro de suas aulas, foi constatado que os jogos e brincadeiras são os mais trabalhados principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental I. No segundo ciclo, nos anos finais, 80% dos professores entrevistados trabalham as práticas esportivas de forma lúdica e com inserção de regras.

A ginástica, juntamente com os esportes, a dança, os jogos e as lutas, é citada como conteúdo a ser ensinado nas aulas de Educação Física escolar dentro dos PCNs, porém o documento não aponta quais são os seus conteúdos detalhados (Ravazzi e col., 2009). Ravazzi e col. (2009) afirmam que a ginástica está pouco presente no primeiro e segundo ciclo do Ensino Fundamental. Enfatizam ainda que no segundo ciclo a dança e as atividades rítmicas e alguns conteúdos relacionados ao esporte são bastante trabalhados. Neste estudo, alguns professores afirmaram abordar a GA em suas aulas através de atividades lúdicas (n = 1), como esporte (n = 1) ou ainda utilizando jogos e brincadeiras para ensinar a ginástica (n = 3), Para Ravazzi e col. (2009), quando os PCNs apontam os conteúdos do Ensino Fundamental, a ginástica aparece como estratégia para ensinar outros conteúdos e não como um conteúdo específico, limitando-se então a ser coadjuvante. Nesse caso, concluem que a ginástica não é um conteúdo legítimo nos PCNs e por isso acaba não sendo um conteúdo legítimo nas escolas.

Para a elaboração dos conteúdos a serem abordados em sala de aula, a maioria dos participantes deste trabalho afirmou que considera o currículo ou malha, como chamam, elaborado pela Secretaria Municipal de Ensino, que segundo eles, é pautado nos PCNs. Esse currículo indica os conteúdos que deverão ser trabalhados em cada bimestre nas Escolas Municipais da Cidade de Barretos/SP. Além do currículo sete dos dez professores afirmaram utilizar os PCNs para orientá-los no planejamento das aulas. Quatro professores relataram durante a entrevista que consideram as características socioculturais e de desenvolvimento dos alunos no momento de elaboração dos conteúdos. De fato, tais fatores são extremamente relevantes para o planejamento educacional. Isso, levando em consideração o significado de conteúdos de ensino dentro da tendência crítico-social apontado por Libâneo (1985):

“Os conteúdos de ensino são os conteúdos culturais universais que se construíram em domínios de conhecimento relativamente autônomos, incorporados pela humanidade, mas permanentemente reavaliados face às realidades sociais. Embora se aceite que os conteúdos são realidades exteriores ao aluno, que devem ser assimilados e não simplesmente reinventados, eles não são fechados em refratários às realidades sociais. Não basta que os conteúdos

sejam apenas ensinados, ainda que bem ensinados, é preciso que se ligue de forma indissociável, à sua significação humana e social.” (Libâneo, 1985, p.39).

O estudo de revisão de Silva (2012) apresenta os conteúdos ministrados nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental I, onde dos 24 artigos analisados, 18 apresentavam os esportes futebol, voleibol, basquetebol e handebol como predominante nas aulas de Educação Física. O autor defende a necessidade de uma reflexão sobre a importância de a Educação Física na escola ir além da “monocultura corporal”, de forma que possa oportunizar aos alunos amplos conhecimentos sobre a cultura corporal do movimento. Apesar da maioria dos professores entrevistados trabalharem em cima do “quarteto fantástico”, foi possível perceber que já existe uma reflexão da parte deles em relação a necessidade de oportunizar aos alunos outros conteúdos nas aulas do Ensino Fundamental I, como os jogos, a dança e a própria GA. Bezzerra e col. (2006) ressaltam a importância da aplicação de conteúdos da GA nas aulas de Educação Física, e apontam essa atividade como sendo de extrema relevância para o desenvolvimento integral da criança e principalmente para o desenvolvimento motor de alunos do Ensino Fundamental I.

Analisando os relatos apresentadas pelos professores entrevistados sobre a importância da GA, constatamos que 30% deles percebem que a modalidade favorece o desenvolvimento integral do aluno, pois possibilita o desenvolvimento afetivo quando se trabalha em grupo, o cognitivo quando do estímulo do aluno a pensar e motor quando da prática das atividades propostas. Isso concorda com os resultados de Leite (2012) que mostraram que a prática da GA na escola possibilita aos alunos novas sensações, desafios, conhecimentos sobre o corpo e suas possibilidades. Os autores ressaltam que foi possível perceber um grande avanço no desenvolvimento das crianças nos aspectos psicomotores, cognitivos e socioafetivos. No presente estudo foi percebido que a maioria dos professores aponta somente a importância da GA para o desenvolvimento motor do aluno. Isso talvez pelo fato de considerarem somente o conteúdo procedimental como aspecto de relevância quando se trata de aulas de Educação Física. Desta forma, é necessário promover uma reforma de pensamento dos professores, para o

alcance do objetivo educacional e a responsabilidade pelo processo formativo das crianças, corroborando com o pensamento de Palma e col. (2010):

“A principal prioridade de um programa educacional escolarizado, no qual a Educação Física deve estar inserida, é a contribuição da área na construção de toda a personalidade da criança. Isso quer dizer, uma atenção especial na autonomia intelectual, na ação moral, na relação socioafetiva e na relação motora. Contudo, nenhum dos aspectos pode ser tratado isoladamente ou considerado mais importante que outro, tampouco que um seja pré-requisito de outro.” (Palma e col., 2010, p. 185).

Chamou-nos a atenção quando questionamos os professores sobre a forma de aplicação da GA dentro de suas aulas, porque através das análises realizadas nos questionamentos anteriores tudo levava a crer que a maioria dos professores não apresentasse conteúdos da GA dentro de suas aulas. Isso pelo fato de constatarmos que grande parte dos professores tem como principal conteúdo abordado os jogos e as práticas esportivas (“quarteto fantástico”), e ainda que muitos deles utilizem como critério para seus planejamentos

Fica evidenciado através dos relatos dos professores que a maioria deles (60%) insere em suas aulas fundamentos básicos da GA (rolamentos, rodas, equilíbrios e saltos) dentro dos conteúdos jogos e brincadeiras, apresentando tais fundamentos de forma lúdica, mesmo considerando o fato de que o currículo não apresenta a GA como conteúdo a ser trabalhado dentro das aulas. Na realidade, o currículo elaborado pela Secretaria Municipal, segundo o relato apresentado por um dos professores, não aponta em nenhum momento o trabalho com o conteúdo GA em seus escritos:

“Eu não aplico conteúdos da GA em minhas aulas, acredito que pela mudança do currículo, pois ele em nenhum momento trata da GA”.

Os relatos dos professores entrevistados sugerem que eles não possuem total clareza sobre a abrangência da GA nas aulas de Educação Física escolar, já que 20% relataram que aplicam a GA apenas como

alongamento antes do início de outras práticas, 10% apresentam os fundamentos da GA no trabalho de habilidades motoras básicas (rolar, saltar e equilibrar-se). Além disso, 10% dos participantes não trabalham a GA em suas aulas. Vale ressaltar que a GA não se constitui apenas de seus fundamentos básicos, embora eles sejam essenciais para o aprendizado de habilidades gímnicas mais complexas. Segundo Nunomura e col. (2008), assim como o alicerce é a base de uma casa, os fundamentos da GA são as ferramentas essenciais para o aprendizado das habilidades mais avançadas, como a parada de mãos, as reversões no solo, as oitavas, os kipes na paralela, o salto grupado, afastado, reversão e outros.

Quando questionados sobre as principais dificuldades em inserir a GA no Ensino Fundamental I, os professores citaram tanto a questão material quanto o espaço físico como problemas que prejudicam que essa modalidade seja inserida no âmbito escolar. Shiavon e col. (2007) apresentaram em um estudo que investigou o porquê da ausência da GA nas aulas de Educação Física. Os autores demonstram que o espaço físico inadequado e a falta de materiais são as principais causas da não inserção da GA na escola. Apesar de já se passarem sete anos da realização desta pesquisa, os motivos relacionados continuam sendo os fatores principais que justificam a ausência da GA no contexto escolar. Em relação a falta de materiais e espaço físico, Nunomura e col. (2008) lembram que quando o professor tem entendimento da importância da GA para a formação dos alunos, eles improvisam: o solo passa a ser os gramados, a trave de equilíbrio as muretas, bancos suecos, ou até mesmo troncos de árvores. E chamam a atenção para a possibilidade de se implantar materiais e aparelhos alternativos para desenvolver um programa de iniciação a GA.

Continuando a abordagem sobre as dificuldades em inserir a GA nas aulas de Educação Física, foi constatado que para 40% dos professores entrevistados a questão pedagógica também é vista como obstáculo. Isso acontece principalmente por receberem o currículo pronto da Secretaria Municipal e este não aborda a GA como conteúdo a ser trabalhado no Ensino Fundamental I. Os PCNs (2007) chamam a atenção para a necessidade de diversidade nas aulas do Ensino Fundamental I.

[...] os conteúdos devem abordar a maior diversidade possível de possibilidades, ou seja, correr, saltar, arremessar, receber, equilibrar objetos, equilibrar-se, desequilibrar-se, pendurar-se, arrastar, rolar, escalar, quicar bolas, bater e re bater com diversas partes do corpo e com objetos, nas mais diferentes situações. (PCNS, 2007, p. 4 8).

A análise das entrevistas também mostrou que 40% dos participantes veem a necessidade de capacitação para o trabalho com a GA. De acordo com Nunomura (2000), os cursos de graduação em Educação Física, em sua maioria, não oferecem subsídios suficientes para que os profissionais possam trabalhar com a GA. Isso fica evidente no relato de um dos docentes entrevistados no presente estudo:

“Na faculdade a gente tem um conhecimento sobre a GA, mas não tem um aprofundamento, eu tive uma disciplina específica de GA na faculdade, mas ela não deu suporte adequado para eu trabalhar a GA na escola, há uma série de divergências entre a realidade e a formação.”

Nunomura e col. (2008) acreditam que apesar da maioria dos profissionais abordarem a questão material e física como sendo uma das principais causas da ausência da GA na escola, o fator predominante é o desconhecimento dos procedimentos metodológicos para o ensino da modalidade.

Através desse estudo foi possível perceber que ainda são grandes os obstáculos para que os conteúdos da GA estejam mais presentes nas aulas de Educação Física escolar no Ensino Fundamental I na cidade de Barretos/SP. Apesar de constatarmos que os professores reconhecem a necessidade de oportunizar aos alunos tal prática, é importantíssimo que eles se conscientizem que a falta de materiais, de espaços adequados ou de capacitação são obstáculos que podem ser vencidos.

Concluimos que é preciso capacitar e especializar os professores da Rede Municipal de Ensino de Barretos/SP, sendo de extrema importância a necessidade de oportunizar aos docentes cursos de qualidade para fundamentar suas práticas dentro das escolas. Nunomura e Nista-Piccolo (2003) propõem uma reflexão sobre a formação de técnicos de GA no Brasil,

isso pelo fato de que muitos cursos de graduação, apesar de possuírem em seus currículos a disciplina ginástica, não abrangem de forma adequada os conhecimentos específicos da modalidade. Desta forma, é necessário refletir e repensar os cursos de graduação em Educação Física, além da importância de se propor cursos de capacitação e especialização em GA, para que os docentes possam realizar um trabalho de qualidade.

6 - CONCLUSÃO

O objetivo deste estudo foi compreender quais são as principais barreiras físicas e pedagógicas para a inserção da GA nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental I nas escolas municipais da cidade de Barretos/SP. Foi verificado que a ginástica, apesar de ser um dos conteúdos que devem ser trabalhados com os alunos do Ensino Fundamental I, como preconiza os PCNs, não está sempre presente nas aulas desenvolvidas ao longo do ano letivo. Neste trabalho foi possível diagnosticar as principais barreiras que impedem ou dificultam que a GA esteja presente nas aulas de educação física.

Apesar de ter sido constatado que os fundamentos da GA estão presentes em algumas aulas, a grande maioria dos professores não aplica os conteúdos dessa modalidade nos anos finais do Ensino Fundamental I (4º e 5º anos), embora muitos utilizem os PCNs como referencial para a construção dos planos de aula. Vários docentes apontaram que o que dificulta ou impossibilita a inserção dos conteúdos da GA nas aulas é o fato do currículo a ser desenvolvido já vir pronto, apresentando o que deve ser trabalhando em cada faixa etária e este não apresenta as ginásticas como conteúdo a ser trabalhado nos anos finais.

É necessário que os professores se conscientizem que nos Ensino Fundamental I a criança está em pleno desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo, por isso a necessidade de se trabalhar uma grande variedade de conteúdos. É fundamental oportunizar aos alunos amplas possibilidades de desenvolvimento, através da apresentação de diferentes conteúdos da cultura corporal de movimento.

Mesmo verificando que a GA está presente na maioria das aulas, o professores ainda não tem consciência do desenvolvimento integral que a GA possibilita aos alunos dentro das aulas de Educação Física. Vemos que muitos ainda estão atrelados aos conteúdos procedimentais, considerando em sua maioria que a GA apenas contribui para o desenvolvimento motor do aluno.

Considerando que o professor é componente importantíssimo do processo educacional, ele deve estar sempre em processo de aprendizado dentro de sua carreira. Diante desse fator, ressalta-se a necessidade de atualização e aprofundamento nos estudos por parte dos docentes.

A GA é um importante conteúdo a ser trabalhado no Ensino Fundamental I, pelos benefícios que traz ao desenvolvimento global do aluno. O professor é um agente fundamental do processo de ensino e aprendizagem. Foi apresentado neste estudo que a falta de materiais e de espaço físico adequados podem ser um empecilho para o desenvolvimento da GA no meio escolar. Entretanto, esses fatores não deveriam impedir a inserção dessa modalidade na escola, pois podem ser utilizados materiais e espaços adaptados para a realização das práticas.

Esse estudo possibilitou ouvir o professor de Educação Física e constatar aspectos relevantes sobre as principais barreiras que impedem ou dificultam que GA seja inserida nas aulas de Educação Física nas escolas de Barretos/SP no Ensino Fundamental I. Seria interessante oferecer subsídios para que toda a comunidade educacional possa trabalhar a favor da inserção da GA nas aulas de Educação Física. Além disso, é importante analisar e refletir os limites, possibilidades e potencialidades do educador dentro da escola e da comunidade onde atua, apontando, se necessário, possíveis ajustes e dessa forma caminhar em busca do aperfeiçoamento para que o professor esteja cada vez mais preparado para o desafio de educar.

7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZZERA, Sandra Pacheco; FELICIANO, Jeane Gomes., FERREIRA FILHO, Raul Alves. **A Importância da Aplicação de Conteúdos da Ginástica Artística nas Aulas de Educação Física no Ensino Fundamental de 1ª a 4ª Série.** Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, v. 5, número especial, 2006.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. Brasília: MEC/SE, 1996.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física Séries Iniciais,** Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física Séries Finais,** Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BREGOLATO, Roseli Aparecida. Cultura corporal da Ginástica. In: FERREIRA FILHO, José. **Conteúdos da Ginástica Artística nas Aulas de Educação Física na Cidade de Porto Velho.** 59 f. Monografia (Graduação) – Curso de Educação Física, Núcleo de Saúde, FUFRR, Porto Velho - Rondônia, 2009.

BROCHADO, Fernando Augusto; BROCHADO, Monica Maria Viviani. **Fundamentos de Ginástica Artística e de Trampolins.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

CERVO, Amado Luiz.; BERVIAN, Pedro Alcino.; DA SILVA, Roberto. **Metodologia Científica.** ed. 6. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física.** São Paulo: Editora Cortez, 1992.

FERREIRA FILHO, José. **Conteúdos da Ginástica Artística nas Aulas de Educação Física na Cidade de Porto Velho.** 59 f. Monografia (Graduação) –

Curso de Educação Física, Núcleo de Saúde, FUFRR, Porto Velho - Rondônia, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisas**. ed. 5. São Paulo: Atlas, 2010.

_____. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. ed. 2. São Paulo: Atlas, 1989.

LEITE, Tatiane Costa. **O olhar da criança para a vivência da Ginástica Artística na Educação Física escolar**. In: IX ANPED SUL, Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública; a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1985.

MARCONI, Maria de Andrade.; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. ed. 5. São Paulo: Atlas, 2011.

MEURET, J. L. La Gymnastique et L'olympisme. In: PÚBLIO, Nestor Soares. **Evolução Histórica da Ginástica Artística**. Guarulhos, SP: Phorte e Editora, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de. Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. ed. 28. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

NUNOMURA, Myrian. **Uma alternativa de conteúdo para um programa de iniciação à Ginástica Artística: a experiência do Canadá**. Motriz. Rio Claro. v. 6, n. 1, p. 31-34, 2000.

NUNOMURA, Myrian; CARBINATTO, Michele Viviene; CARRARA, Paulo Daniel Sabino. **Reflexão sobre a formação profissional na Ginástica Artística**. Pensar a Prática, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 320-618, abr./jun. 2013.

NUNOMURA, Myrian; NISTA-PICCOLO, Vilma Leni. **A Ginástica Artística no Brasil: reflexões sobre a formação profissional.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 24, n. 3, p. 175-194, maio 2003.

_____. **Compreendendo a Ginástica Artística.** São Paulo: Phorte, 2008.

PALMA. A. P. T. V.; OLIVEIRA, A. A. B.; PALMA, J. A. V. **Educação Física e a Organização Curricular.** Londrina: Eduel, 2010.

PERDOMO, Aloísio Viane Paiva. **A Ginástica no Brasil.: percurso histórico no currículo escolar. 41 f.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Educação Física, Departamento de Estudos do Movimento Humano, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

POLITO, Beatriz Spina. **A Ginástica Artística na escola: realidade ou possibilidade?** Monografia (graduação) - Curso de Educação Física, Departamento de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 1998.

PÚBLIO, Nestor Soares. **Evolução Histórica da Ginástica Artística.** Guarulhos, SP: Phorte e Editora, 1998.

SCHIAVON, Laurita; NISTA-PICCOLO, Vilma Leni. **A Ginástica Vai à Escola.** Movimento, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 131-150, set./dez., 2007.

SILVA, Junior Vagner Pereira. **Prática pedagógica em Educação Física nos anos iniciais do Ensino Fundamental.** Pensar a Prática, v. 16, n.1, p. 1-319, Goiânia, jan. mar. 2013.

SILVA, Junior Vagner Pereira; SAMPAIO, Tania Maria Vieira. **Os Conteúdos das Aulas de Educação Física do Ensino Fundamental: o que mostram os estudos.** Revista Brasileira de Ciência e Movimento, v. 20, n. 2, p. 106-118, set. 2012.

RAVAZZI, Lilian; CESÁRIO, Marilene **A Ginástica nos Parâmetros Curriculares Nacionais.** In: 4º CONGRESSO NORTE PARANAENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Londrina 2009.

ANEXO I

Perguntas aplicadas na entrevista.

Data da entrevista:

1. Nome da escola em que trabalha?
2. Qual a sua idade?
3. Qual o seu gênero (masculino ou feminino)?
4. A quanto tempo é professor de Educação Física do Ensino Fundamental I nesta escola da rede municipal de ensino?
5. Já trabalhou em outras escolas da Rede Municipal de ensino?
6. Qual o conteúdo mais trabalhado em suas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental I? Por quê?
7. Quais são os critérios que você leva em conta ao planejar os conteúdos que serão trabalhados durante as aulas de Educação Física no Ensino Fundamental I?
8. Como professor de Educação Física, você considera a ginástica artística (GA) importante para o desenvolvimento global do aluno? Justifique.
9. Você já teve alguma experiência como professor de GA? Onde? E como foi essa experiência?
10. Em suas aulas são aplicados conteúdos da GA? De que forma são aplicados?
11. Quais são as dificuldades que o impedem ou dificultam a inclusão dos conteúdos da GA em suas aulas?
12. Você pensa que a dificuldade de se trabalhar os conteúdos da GA, na escola, são mais de ordem material/física ou pedagógica? Ou ambas? Por quê?
13. Na sua opinião o que é necessário para que a GA seja mais utilizada nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental I?
14. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) te orientam no planejamento e na seleção dos conteúdos das aulas de Educação Física? Cite em qual ou em quais documentos você se apoia.

ANEXO II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DE PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Será garantido o sigilo total da identidade de todos os pesquisados envolvidos neste estudo, lhe assegurando que seu nome não aparecerá, sendo mantido o mais rigoroso sigilo através da omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a). Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, caso aceite fazer parte do estudo, assine o documento de consentimento de sua participação, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado de forma alguma. Se houver algum constrangimento em responder alguma das perguntas feitas na entrevista terá todo direito de não respondê-las. Em caso de dúvida você pode entrar em contato pessoalmente com a estudante Solange Aparecida de Jesus através do e-mail: andrenomelini@hotmail.com, por telefone: (17) 3322-8640 ou procurar a Secretaria de Graduação a Distância da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília pelo telefone (61) 3107-2544.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Considerações sobre a presença da Ginástica Artística na escola: um relato de professores de Educação Física da cidade de Barretos-SP.

Orientador: Luciana Hagström

Descrição da pesquisa:

Esse trabalho tem como objetivo verificar através do estudo de caso a inserção dos conteúdos da Ginástica Artística (GA), nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental I, nas Escolas Municipais da cidade de Barretos/SP. Através do levantamento obtido será possível a reflexão de toda a comunidade escolar sobre a prática da GA nesse contexto.

A problemática desse estudo surgiu com a vivência dos estágios, onde não foram encontrados professores que desenvolvessem essa modalidade nas aulas de Educação Física, apesar da prática da GA ser de extrema relevância dentro do âmbito escolar.

Apesar de GA conter características importantes para o desenvolvimento do aluno dentro das aulas de Educação Física a maioria das escolas públicas ou privadas não trabalham com essa modalidade.

Dessa forma, o objetivo geral deste trabalho é: Compreender quais são as principais barreiras físicas e pedagógicas para a inserção da Ginástica Artística (GA) nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental I nas Escolas Municipais da cidade de Barretos-SP.

Observações importantes:

A sua participação ocorrerá através de uma entrevista aberta, pela qual os dados serão coletados através de um aparelho gravador de áudio. A pesquisa não envolve riscos à saúde, integridade física ou moral daquele que será sujeito da pesquisa. Não será fornecido nenhum auxílio financeiro, por parte dos pesquisadores, seja para transporte ou gastos de qualquer outra natureza. A coleta de dados deverá ser autorizada e poderá ser acompanhada por terceiros. O resultado obtido com os dados coletados serão sistematizados e posteriormente divulgados na forma de um Trabalho de Conclusão de Curso, que será apresentada em sessão pública de avaliação e disponibilizada para consulta através da Biblioteca Digital da UnB. Os dados da pesquisa também poderão ser apresentados em congressos ou submetidos a publicação em revista científica. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidos através do telefone: (61) 3107-2544.

TERMO DE CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Eu, _____, RG _____, aceito participar desta pesquisa para utilização de fins acadêmicos e científicos de título: Considerações sobre a presença da Ginástica Artística na escola: um relato de professores de Educação Física da cidade de Barretos-SP. Fui

devidamente esclarecido pelo estudante Solange Aparecida de Jesus sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os seus objetivos e finalidades. Foi-me garantido que poderei desistir de participar em qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Também fui informado que os dados coletados durante a pesquisa, serão divulgados para fins acadêmicos e científicos, através de um Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) que será apresentado em sessão pública de avaliação e posteriormente disponibilizado para consulta através da Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UnB, eventos e revistas científicas.

_____, ____ de _____ de _____

Nome / assinatura

Pesquisador Responsável

Nome e assinatura